



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 10/04/2026 e 16/04/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
10/04/2026	11,75	331,80	67,09	5,71	4,41
13/04/2026	11,62	331,90	66,50	5,82	4,40
14/04/2026	11,58	329,70	66,44	5,92	4,43
15/04/2026	11,67	334,40	67,60	5,93	4,51
16/04/2026	11,63	332,70	69,33	5,98	4,48
Média	11,67	332,10	67,39	5,87	4,45

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	117,00	
RS – Não Me Toque	117,00	
PR – Pato Branco	114,00	
PR – M.C.Rondon	111,00	
MT – C.N.Parecis	99,00	
MS – Maracaju	107,00	
GO - Rio Verde	108,00	
BA – L.E.Magalhães	110,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	67,00	CIF
Porto de Paranaguá	67,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	57,00	
SC – Rio do Sul	57,00	
PR – M.C.Rondon	52,00	
PR – Pato Branco	57,00	
MT – C.N.Parecis	50,00	
MS – Maracaju	60,00	
SP – Itapetininga	64,00	
SP – Campinas	68,00	CIF
GO – Rio Verde	56,00	
GO – Jataí	56,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	61,00	
RS – Não Me Toque	61,00	
PR – Pato Branco	66,00	
PR – M.C.Rondon	66,00	

Período: 15/04/2026

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 16/04/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	58,00	119,78	59,25

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
16/04/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	60,05
Feijão (saco 60 Kg)	151,11
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,48
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,09**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,61

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(**) Referência Fevereiro/26, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, após ensaiarem um recuo, voltaram aos patamares da semana anterior. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (16) em US\$ 11,63/bushel, contra US\$ 11,65 uma semana antes.

A continuidade da guerra no Oriente Médio, com um cessar-fogo capenga, não permite que o mercado mundial do petróleo e outras commodities básicas se acomode. Além disso, o plantio da soja nos EUA começa a fazer pressão sobre Chicago, sendo que o chamado “mercado do clima” ganha espaço.

Por enquanto, o mercado vem sendo surpreendido pela aceleração no plantio da safra estadunidense. Até o dia 12/04 a área atingia a 6% do esperado, enquanto o mercado esperava menos, e a média para a data é 2%. Isso significa que, para o plantio, por enquanto, o clima é normal nos EUA.

Dito isso, os embarques de soja estadunidense, na semana encerrada em 9 de abril, chegaram a 814.562 toneladas, elevando o volume total, no ano comercial, para 31,5 milhões de toneladas, representando 25% a menos do que há um ano.

Outra notícia que pesou sobre o mercado, e mais especificamente no mercado do farelo, foi o início da greve dos caminhoneiros autônomos na Argentina. Com isso houve bloqueio de rotas direcionadas aos portos de exportação. Isso elevou o preço do farelo em Chicago, com o mesmo atingindo a US\$ 334,40/tonelada curta no dia 15/04. A mais alta cotação para este subproduto desde o dia 02/10/2024. Se não houver acordo com o governo local, a greve pode interromper “a logística da principal colheita e o abastecimento normal dos portos, em um momento crucial para a entrada de divisas no vizinho país” (cf. Clarin).

E na China as importações de soja aumentaram 14,9% em março, sobre o mesmo mês do ano anterior, porém, ficaram abaixo do que esperava o mercado. Houve atraso nos embarques do Brasil devido a inspeções mais rigorosas para descartar contaminação. O total importado chegou a 4,02 milhões de toneladas, enquanto o mercado esperava 6,4 milhões (cf. Reuters). Entre janeiro e março a China importou 16,6 milhões de toneladas, com um recuo de 3,1% sobre o mesmo período de 2025. Para o período de abril a junho espera-se que a média mensal importada pelos chineses seja de 10 milhões de toneladas.

Já nos EUA, a NOPA (Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas) informou que o esmagamento de soja naquele país, em março, atingiu a 6,16 milhões de toneladas, sendo o segundo maior para o mês e 16% maior do que no mesmo período do ano passado.

E no Brasil, diante de um câmbio que rompeu o piso dos R\$ 5,00 por dólar, fechando alguns dias da semana em R\$ 4,99, os preços recuaram, com as principais praças gaúchas voltando aos R\$ 117,00/saco, enquanto no restante do país os valores oscilaram entre R\$ 99,00 e R\$ 114,00/saco.

Enfim, em seu boletim de abril a Conab apontou que a safra brasileira de soja 2025/26 deverá atingir a 179,2 milhões de toneladas, contra 171,5 milhões no ano anterior. O

Rio Grande do Sul ficará com 18,9 milhões de toneladas, ou seja, com redução de 13,3% sobre o inicialmente previsto. A área total semeada no Brasil foi de 48,47 milhões de hectares e a produtividade média ficaria em 3.696 quilos/hectare (61,6 sacos/hectare), enquanto a produtividade média gaúcha cai para 46,2 sacos.

MERCADO DO MILHO

A cotação do milho, em Chicago, para o primeiro mês cotado, após recuar durante a semana, ensaiou uma pequena recuperação, fechando a quinta-feira (16) em US\$ 4,48/bushel, contra US\$ 4,44 uma semana antes.

Enquanto isso, até o dia 12/04 o plantio do milho nos EUA atingia a 5% da área esperada, ficando no limite mínimo das expectativas do mercado e contra 4% na média.

Já os embarques estadunidenses de milho, na semana encerrada em 9 de abril, atingiram a 1,8 milhão de toneladas, elevando o total no ano comercial para 50,2 milhões de toneladas, ou seja, 34% acima do exportado no mesmo período do ano anterior.

De forma geral, com o clima transcorrendo bem nos EUA, existe pressão baixista sobre os preços, mesmo com a possibilidade de uma redução na área semeada, porém, a continuidade da guerra no Oriente Médio mantém a volatilidade deste mercado. Além disso, o mercado começa a considerar que a área semeada nos EUA possa ser maior do que o anunciado na intenção de plantio do dia 31/03.

E no Brasil, os preços do cereal apresentaram um leve viés de baixa, em R\$ 57,00/saco para as principais praças gaúchas e entre R\$ 50,00 e R\$ 64,00/saco nas demais praças brasileiras. Já na B3, no fechamento da quarta-feira, a posição maio ficou em R\$ 68,27 por saco; o julho foi a R\$ 68,60 e o setembro fechou em R\$ 69,40/saco. A firmeza do Real forçou este recuo nos preços do milho na Bolsa paulista.

E no Mato Grosso, segundo o Imea, as ofertas seguem entre R\$ 50,00 e R\$ 52,00/saco, enquanto os lances ficam entre R\$ 41,00 e R\$ 44,00, com negócios travados. A paridade indica níveis próximos a R\$ 37,00 no leste do estado, com margens negativas para exportadores entre 70 e 100 centavos por bushel. Na prática, no interior de Mato Grosso, os preços no físico chegam a apenas R\$ 35,00/saco em algumas regiões (cf. Granel Corretora).

Por enquanto, no atual preço, muito baixo, o milho não oferece condições para a formação de estoques. Especialmente com os atuais juros praticados no país. Para tanto, seria necessário que o preço do mesmo subisse cerca de R\$ 10,00/saco para viabilizar estoques (cf. Brandalitze Consulting). Enquanto isso os negócios acontecem apenas para consumo imediato, ou seja, “compras da mão para a boca”.

Ainda em relação ao Mato Grosso, 40,8% da produção estimada do atual ano comercial já havia sido comercializada até o início da presente semana. Mesmo com os atuais preços, os produtores locais preferem travar os preços por considerarem que os mesmos tendem a recuar mais no momento da colheita da safrinha. O preço médio da

atual safra fechou em R\$ 44,65/saco, enquanto o relativo à safra anterior ficou em R\$ 45,25/saco na virada de março para abril. Quanto à safra 2026/27, na ocasião a comercialização atingia a 1,6%.

Enfim, a Conab, em seu relatório de abril, apontou que a safra nacional de verão estaria fechando em 28 milhões de toneladas, contra 24,9 milhões no ano anterior. Deste total, 5,8 milhões seriam oriundos do Rio Grande do Sul. Já a safrinha deverá atingir a 109,1 milhões de toneladas no país, e a terceira safra 2,48 milhões de toneladas. No ano anterior, a produção final foi de 113,2 milhões e 2,99 milhões de toneladas respectivamente. Com isso, a produção total de milho, no Brasil, para 2025/26, está estimada em 139,6 milhões de toneladas, contra 141,2 milhões no ano anterior. Esta produção atual se dará sobre uma área total semeada de 22,5 milhões de hectares e uma produtividade média de 6.208 quilos/hectare, ou seja, 103,5 sacos/ha.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês, assistiu a uma recuperação nesta semana em Chicago. O bushel do cereal, que havia fechado em US\$ 5,74 no dia 09/04, acabou encerrando o pregão desta quinta-feira (16) em US\$ 5,98.

As condições das lavouras do trigo de inverno, nos EUA, no dia 12/04, se apresentavam com 32% entre ruins a muito ruins, 34% regulares e 34% entre boas a excelentes. Já o plantio do trigo de primavera, na mesma data, chegava a 6% da área plantada, contra 7% na média histórica.

Por outro lado, os embarques de trigo estadunidense, na semana encerrada em 09/04, atingiram a 320.797 toneladas, somando até aqui um total de 21 milhões de toneladas em todo o atual ano comercial. Isso representa um aumento de 15% sobre o mesmo período do ano anterior.

Já a previsão da safra de trigo na Ucrânia, para o corrente ano, foi reduzida para 23,5 milhões de toneladas, um pouco abaixo da projeção feita. Houve revisão para baixo da área colhida, com a mesma ficando em 5,1 milhões de hectares.

E aqui no Brasil, os preços se mantiveram em R\$ 61,00/saco no Rio Grande do Sul e a R\$ 66,00 no Paraná.

A principal notícia nacional veio do relatório da Conab, em abril, pelo qual a área a ser semeada com trigo no país, nesta próxima safra, será ainda menor do que o já projetado. Segundo o órgão público a mesma deverá ser de 2,22 milhões de hectares, em 2026, contra 2,44 milhões no ano anterior. Isso representa um recuo de 9%. Já no Rio Grande do Sul, o recuo na área semeada será maior, devendo atingir a 20%, com a área final ficando em apenas 925.500 hectares. Se confirmada, será a menor área semeada desde 2019. E no Paraná, a área permanecerá em 819.000 hectares, repetindo o ano anterior. Tal área, afora estes dois anos, é a menor desde 2012. Em tal contexto, a produção total brasileira está estimada, agora, em 6,6 milhões de toneladas, contra 7,9 milhões um ano antes. A produção projetada para 2026, se confirmada, será a menor desde 2020. O Rio Grande do Sul produziria 2,7 milhões de

toneladas, representando um recuo de 25% sobre o ano anterior. Já o Paraná ficaria com 2,43 milhões de toneladas, ou seja, menos 12,3% sobre o ano anterior. Enfim, a produtividade média nacional, na nova safra, ficaria em 49,6 sacos/hectare, contra 53,6 sacos no ano anterior.